



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7570 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

ESCRITA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES

Juliana Vieira - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Liliam Ricarte de Oliveira - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Inês Ferreira de Souza Bragança - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

ESCRITA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES

O presente trabalho tem como objetivo tematizar as contribuições da escrita narrativa (auto)biográfica para a formação de professoras/es, a partir de duas pesquisas realizadas no âmbito de um Mestrado Profissional, em uma universidade pública brasileira.

A trajetória da formação docente no Brasil indica um processo de intensificação e precarização do trabalho no cotidiano das instituições escolares que continua nos desafiando. Entretanto, assim como as dinâmicas macropolíticas afetam diretamente os cotidianos da vida, do trabalho e da formação, é possível perceber movimentos instituintes de reinvenção e produção de táticas que, com astúcia, fertilizam a escola (CERTEAU, 1988).

No presente trabalho tomamos a abordagem teórico-metodológica da *pesquisaformação* narrativa e (auto)biográfica para perspectivar a escrita docente como uma das possibilidades de resistir e reinventar saberes e práticas no cotidiano escolar. *Pesquisaformação* porque de forma indissociável, e a junção das palavras pretende dar a ver esse excesso de sentidos, quando docentes refletem sobre a própria prática, produzem conhecimentos pedagógicos e, potencialmente, a formação em partilha. A narrativa, como tessitura da intriga (RICOEUR, 1994), articula, no tríplice presente, lampejos da memória, a problematização do presente e a construção coletiva de projetos de futuro. Quando docentes refletem sobre a própria prática, a escrita se coloca como companheira de viagem que potencializa saberes e movimentos de (trans)formação. A dimensão (auto)biográfica se manifesta pelo registro da prática docente que, de forma encarnada, implica na própria vida vivida, (com)partilhada, escrita das mais diversas formas.

Aqui partilhamos movimentos de *pesquisaformação* vividos por meio da escrita de cartas e de narrativas pedagógicas em um blog como caminhos de resistência e reinvenção.

A escrita narrativa através de cartas sempre foi companhia durante a vida pessoal e trajetória profissional da professora-pesquisadora, primeira autora deste trabalho. Encontrar

as cartas escritas para diferentes destinatários, nos diferentes tempos e espaços de vida-formação, em um movimento articulado à escrita da dissertação a fez perceber que, para além de objetos disparadores de memórias, as cartas poderiam ser, ao mesmo tempo, fontes da pesquisa e um material rico em possibilidades de diálogo entre as experiências nos/dos/com os cotidianos escolares e os contextos histórico-político-sociais de uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica. A reflexividade na/da/com uma prática ressignificada de escrita é constituinte do docente-gente que ao narrar-pesquisar, busca criar um movimento dialógico de reflexão, (per)formação e constituição identitária que revelam um modo de ser-estar na docência, a partir de memórias do passado, trazidas para um presente que mira futuro/s.

Narrar as experiências pessoais de professora e publicizá-las é um ato ético-político, que nasce no movimento memorialístico, mas que tem um fim no campo da ação, favorecendo os percursos de autoria de professoras que tem muito a dizer sobre e com os seus cotidianos escolares, com suas próprias palavras, comumente e intencionalmente não previstas e até mesmo negadas nos programas de formação de professoras/es, os quais hegemonicamente e de modo vertical procuram formar e formatar professoras, uma educação-mercadoria que é produto de um projeto de precarização.

Nesse território de disputas, poderes e interesses que tornou-se a educação, faz-se necessário o uso de táticas (a arte dos fracos) e artesanias produzidas pelos sujeitos ordinários, no sentido do que nos ensina Certeau, sujeitos comuns, como formas de resistência, como exercício de sermos sujeitos em contextos de assujeitamento.

A academia comumente nos apresenta uma escrita científica dura, técnica, fria, imparcial, não autoral, calculada, prevista, formatada. Na escola, a mesma lógica conduz grande parte do nosso trabalho – atas de reuniões, ofícios, relatórios, rotinas, diários, fichas, tudo bem padronizado e ao final, resultados. Uma produção mecânica, imposta e que alimenta um sistema maior que define as regras, as quais “cumprimos”, por sermos os homens e mulheres ordinários, pessoas comuns, heróis anônimos, pano inconsútil, sem nome e sem rosto, nas palavras de Certeau (1988).

No cotidiano dos fazeres docentes, produzimos também nossas táticas, nossos fazeres-outras. Produzimos uma escrita acadêmica-outra (CALLAI; RIBETTO, 2016), inventamos palavras, contrapalavras, brincamos e jogamos com seus sentidos, escrevemos cartas.

Foi o que também percebeu a professora-pesquisadora, segunda autora deste trabalho, ao registrar fragmentos de seu cotidiano escolar num blog no início de sua docência na educação infantil. Em sua *pesquisaformação* voltou seu olhar para aqueles registros narrativos sobre seu trabalho como fontes de uma pesquisa que se propunha a compreender como se constituiu professora no exercício da profissão.

Assim, a escrita, na centralidade da *pesquisaformação*, possibilitava o encontro da mesma pessoa em três diferentes espaços-tempos: a professora-iniciante que, na escola, vivia acontecimentos e organizava aquele espaço de aprendizagem com os saberes que tinha e que ia aprendendo; a professora-pesquisadora que, ao narrar os acontecimentos, pensava sobre eles no ato da escrita, aprendia e fazia projeções de futuro sobre seu trabalho e sua relação com as crianças; e, também, a mestranda-professora-pesquisadora que, ao olhar para aquelas escritas conseguiu perceber alguns caminhos percorridos em sua formação no exercício da profissão.

O exercício de escrever narrativamente sobre seus aprendizados de professora no exercício da profissão reafirmou a ela a potência da narrativa para além do registro e memória do vivido, mas como modo de produção de conhecimento com/para o outro. Uma escrita

“baseada na intenção de dar à existência aquilo que no contexto mais nos mobiliza na relação não indiferente com o outro com quem e para quem produzimos” (SERODIO; PRADO, 2017, p. 10).

Assim, o desenvolvimento das duas *pesquisas formação* apontam para a escrita como uma prática-tática de constituição identitária e preservação de memória, forja um modo de ser-estar nosso com os outros, na vida-formação. O cotidiano é potencialmente (per)formativo quando o vivido é refletido, escrito, narrado e (com)partilhado. Narrar sobre o cotidiano escolar a partir daquilo que nos mobiliza, nos toca, nos transforma, além de memória, registro, possibilidade de reflexão e ação, também apresenta a possibilidade de dizer algo sobre escola que só quem a vive cotidianamente pode fazer. E, com essa escrita, dar a ver o acontecimento das relações cotidianas, desse lugar singular que ocupamos e do qual somente cada um pode falar. Pela narrativa intercambiamos experiências e é nesse movimento de escrita e partilha que também nos constituímos professoras. A escrita para ver-se na ação-ato de ser professora possibilita a reflexão e a práxis pedagógica; a escrita para dar a ver a ação-ato de ser professora possibilita a partilha de experiências, uma aprendizagem coletiva entre as professoras, como também apresenta uma outra escola que se constrói cotidianamente nas relações singulares e não indiferentes entre os que a compõe.

Palavras-chave: Narrativas (auto)biográficas. Formação docente. Escrita. Cartas.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1988.

CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. RJ: Lamparina, 2016.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994. t. 1.

SERODIO, Liana; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Escrita-evento na radicalidade da pesquisa narrativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 33, 2017, p. 1-18.